



acervo

roteiros de visita

apresentação

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) foi criado em 1963, quando a Universidade de São Paulo recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho, Ciccillo, então presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o acervo que constituía o MAM SP. Além desse acervo transferido para a USP, Matarazzo e sua mulher, Yolanda Penteado, doaram ao novo museu suas coleções particulares, às quais se somaram aquelas efetuadas pela Fundação Nelson Rockefeller e os prêmios das Bienais Internacionais de São Paulo.

Hoje o MAC USP possui mais de 8 mil obras entre pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, instalações e trabalhos conceituais, constituindo um importante acervo de arte moderna e contemporânea, relevante patrimônio cultural na América Latina.

Como museu universitário, o MAC USP é um local de pesquisa, de formação educacional e de produção de conhecimento. Além das exposições, oferece diversas atividades e serviços como disciplinas optativas, cursos de extensão cultural,

atelês, visitas orientadas, site na internet e biblioteca especializada.

A Divisão Técnico - Científica de Educação e Arte (DTCEA) concentra sua atuação no desenvolvimento de materiais educativos, na formação de monitores, na organização de exposições didáticas, em programas para públicos diversos, cursos à comunidade e em publicações que têm como objetivo geral favorecer um contato mais efetivo entre a obra e público visitante, especialmente professores e estudantes.

Dentro dessa proposta e com o patrocínio da Fundação Vitae, a equipe de educadores produziu o Acervo: Roteiros de Visita. Esse material propicia aos pesquisadores, professores e alunos recursos preparatórios e avaliativos de visitas ao museu universitário. Valoriza a idéia de museu também como "sala de aula", dinamizando processos criativos e a interatividade nas áreas do conhecimento.

Elza Ajzenberg
Diretora do MAC USP

Colega professor/a,

Nos últimos anos os museus afirmaram-se como espaços de educação essenciais no processo de ensino e aprendizagem. Cabe aos educadores de museus desenvolver recursos que intensifiquem a utilização desse potencial educativo privilegiado. No caso específico do ensino de arte, o contato com as obras originais é insubstituível. Desde 1984 - ano em que começa a ser estruturado o setor de Arte-Educação do MAC USP, hoje Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte - temos desenvolvido formas de abordagens pedagógicas da arte e colaborado com a formação do público de arte contemporânea.

Acervo: Roteiros de Visita foi criado com o objetivo de estimular a proximidade de professores e alunos com as obras do acervo do MAC USP, por meio de recursos que auxiliem no planejamento, no aproveitamento e no desdobramento das visitas ao museu. Pretendemos com o uso deste material didático que você se sinta mais confortável e com maior

autonomia ao percorrer as exposições do MAC USP com os seus alunos.

Cada ficha, como esta, é acompanhada pela reprodução de uma das 50 obras do acervo do MAC USP selecionadas para compor este material. Os critérios para a escolha das obras foram a sua relevância dentro de um determinado panorama da arte do século XX e a sua recorrente seleção pelas curadorias do museu, garantindo que este material possa, de fato, ser utilizado em paralelo às exposições.

Os conteúdos são abordados de modo a incentivar a postura de professor pesquisador. Queremos trocar experiências, acreditando que juntos poderemos aprimorar nossa práxis educacional e cultivar valores necessários à sociedade contemporânea.

Bom trabalho!

Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte

Lygia Clark

Belo Horizonte, MG, 1920 - Rio de Janeiro, RJ, 1988

Lygia Clark estuda, a partir de 1947, no Rio de Janeiro, com o paisagista Burlle Marx, e com ele aprende a projetar o espaço em planos gráficos determinados segundo suas necessidades orgânicas. Com FERNAND LÉGER em Paris, em 1950, apreende a noção de um "outro espaço", ideal, moderno, possível de integrar a arte e a arquitetura.

No **Grupo Frente**, adepto às novas tendências da arte concreta do início dos anos 1950, Clark explora a linguagem geométrica na superfície pictórica de seus quadros, percebendo a moldura como parte integrante da pintura. Modula o espaço da superfície de seus trabalhos com formas geométricas recortadas em madeira, pintadas com tinta industrial e encaixadas. Surge então, entre as formas de suas *Superfícies Moduladas*, um intervalo, uma linha de espaço vazio, uma abertura para a investigação da artista. Simultaneamente, realiza pinturas com planos negros percorridos por linhas geométricas brancas que, ao interagirem com o plano da parede, incitam a percepção do espectador. Com a ruptura do plano como suporte para a representação bidimensional, a possibilidade de articulação da superfície em seus trabalhos é eminente, perceptível já nos seus *Contra-relevos*.

Diante da polêmica a respeito da experiência subjetiva na arte concreta com o grupo paulista, e antevendo os desdobramentos da obra de Lygia Clark, Ferreira Gullar redige o "Manifesto Neoconcreto", lançado em março de 1959, e posteriormente sua Teoria do Não-objeto, que irá fundamentar as propostas da artista e o **Neoconcretismo**.

Da denominação construtiva de seus *Contra-relevos*, nos *Casulos* - placas de metal que se dobram sobre si mesmas - o conceito de organicidade da obra se apresenta também nas superfícies que procuram soltar-se para o espaço tridimensional. Deles nascem os *Bichos* - estruturas em alumínio articuladas por dobradiças que,

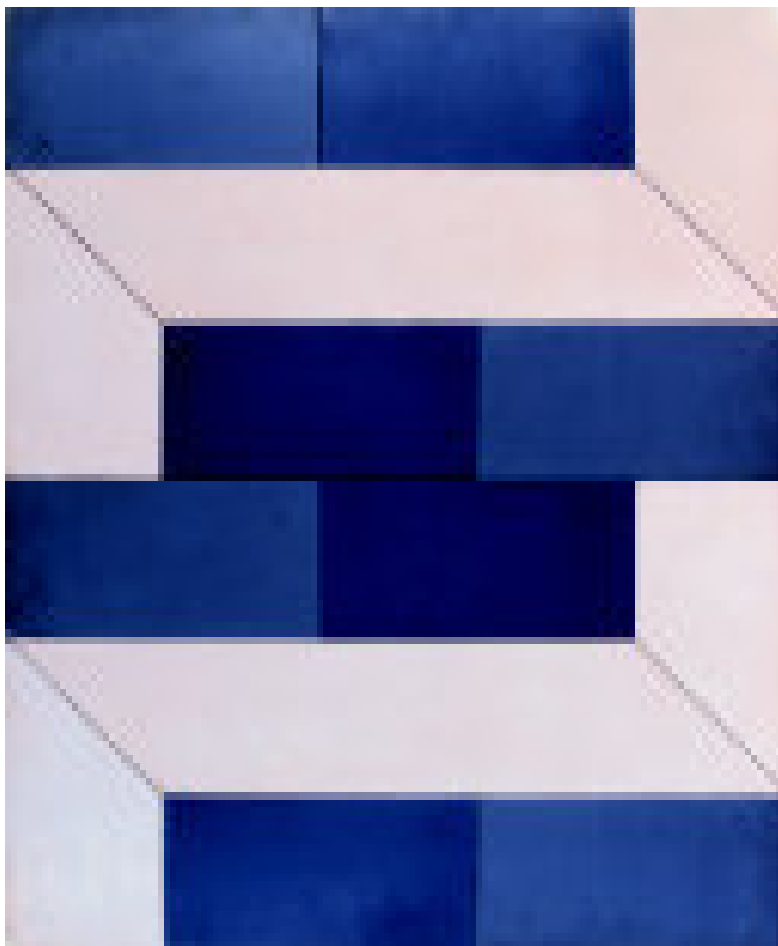
quando manipuladas, reequilibram-se no espaço com um movimento inusitado, obras abertas à participação do espectador, as quais permitem, enfim, uma abordagem fenomenológica da obra. A experiência seguinte se dá com a investigação da questão interior/exterior que surge com o conceito presente no anel de Moebius - fita circular de superfície bidimensional com um único lado-, momento em que os recortes ao longo do plano geram formas espiraladas que permitem a obra envolver-se e moldar-se ao seu espaço. Do metal à borracha, o caráter orgânico se acentua com os *Trepantes* e a *Obra-mole*.

Diante do impasse gerado pelo abandono dos estatutos tradicionais da pintura e da escultura e com a obra aberta à participação, a artista encontra na proposição que intitula *Caminhando* uma nova realidade para a arte. Por meio de um corte ao longo de uma fita de Moebius, transpõe a experiência do ato criativo, antes centrado na figura do artista, para o espectador, superando a necessidade do objeto artístico. O artista perde sua condição de autor da obra para aquele que irá proporcionar ao

espectador sua participação efetiva. "A obra é o seu ato", afirma Clark.

Em uma série de experiências sensoriais, os *Objetos relacionais* serão agora os agentes provocadores da obra. Com *Nostalgia do Corpo* e *A Casa é o corpo*, seqüências de experimentações individuais ou coletivas, os objetos criados por Clark irão atuar junto ao corpo provocando reações sensoriais. Enquanto a sensação visual relaciona-se à observação da obra de arte tradicional, suas proposições no final dos anos 1960 atingem uma amplitude dos sentidos sem precedentes na arte.

Na década seguinte, em Paris, e posteriormente no Rio de Janeiro, já distante de questões puramente estéticas, Lygia Clark aprofunda sua pesquisa no universo terapêutico por meio da intersensorialidade corporal em busca do que denomina *Estruturação do self*. Desse modo, redimensiona o campo de ação artística num percurso antes inimaginável, rompendo com os limites estabelecidos e ultrapassando as fronteiras impostas pela tradição artística.



Plano em Superfícies Moduladas n. 2, 1956

Tinta industrial sobre celotex, madeira e nulac,
90,1 x 75

Doação MAMSP

No artigo intitulado "Lygia Clark e o Espaço Concreto Expressional", publicado no *Jornal do Brasil*, em 1959, a artista relata os motivos que a levaram a investigar novas possibilidades estruturais da pintura e o *modus operandi* com o qual paulatinamente realiza suas descobertas: "Comecei a fazer o que chamo de 'superfície modulada' compondo ainda com formas seriadas, considerando-as não como obra de arte, mas simplesmente como um campo experimental para mais tarde integrá-las num ambiente."¹

Como afirma Paulo Herkenhoff, esse processo de conscientização da superfície bidimensional como elemento expressivo tem início com a incorporação da moldura: "A possível '*destruction du mur*' de Léger e a 'destruição da moldura' (isto é, quebra da moldura) de Clark guardam em relação anagramática, a consciência da ruptura com a tradição do suporte da arte. Radicalmente dissolve a instituição histórica do 'quadro', reduzindo-o à realidade problemática de 'plano'."²

Plano em Superfícies Moduladas nº 2, de 1956, confirma o estágio de sua investigação no qual a continuidade do plano pictórico, incorporado de sua moldura, encontra-se seccionado em uma justaposição de módulos. Utilizando-se de tinta industrial aplicada sobre placas de madeira impermeabilizada, a visualidade de seu geometrismo nos remete ao **Concretismo**, porém, um olhar atento à obra percebe já em sua formulação a presença da linha-espaco, responsável por possibilitar o estágio seguinte: a "quebra do plano" da pintura. "Os planos surgem independentes entre si, soltos. Seus corpos se articulam por encaixe, como um quebra-cabeças, formando o retângulo final (a pintura). O plano tem, pois, espessura. Integra-se no espaço do mundo, sem fronteiras. Entre as frestas dos planos de madeira, corre o ar do mundo."³

Na continuidade de suas experimentações, será por meio das frestas abertas na superfície que Lygia Clark irá corporificar sua obra no espaço da vida.

aproximações

Professor/a, pesquise com os alunos os acontecimentos históricos, políticos e culturais no Brasil da década de 1950, tais como o governo de Juscelino Kubitschek, o desenvolvimentismo, a I Bienal do MAM de São Paulo e a repercussão desses acontecimentos na reformulação da linguagem plástica. Nesse contexto surge Lygia Clark, com os "Os Planos em Superfícies Moduladas".

Embora bidimensionais, as obras dessa fase nada mais têm das pinturas convencionais: são placas de madeira justapostas, que criam em seus encontros linhas virtuais.

As tintas branca e cinzas são aplicadas com compressor. Os elementos formais ganham autonomia, se emancipam de qualquer conotação figurativa.

Observem linhas, formas, cores e o ritmo dinâmico e harmônico resultante. Quais formas se repetem?

Proponha aos alunos uma oficina onde sejam exploradas as possibilidades de cor, forma e ritmo de elementos seriados, por meio de recortes e colagens em um suporte a ser escolhido pelo aluno. Ou seja, cada aluno escolhe uma forma para repetir diversas vezes no mesmo trabalho, mudando apenas a sua cor e a sua disposição na composição.

Pesquise com os seus alunos o Tangran como uma maneira de aproximação com a criação de imagens a partir de módulos. O Tangran é um jogo de quebra-cabeça composto por um quadrado partido em sete formas geométricas que possibilitam a construção de inúmeras imagens.

Na última fase de sua trajetória artística, conforme mencionado no último parágrafo do texto biográfico, Lygia Clark se distanciou das questões puramente estéticas e passou a se auto-denominar "não-artista". Para melhor orientar seus alunos nas reflexões que se seguem, pesquise trabalhos de Lygia Clark de diferentes períodos, inclusive daqueles em que ela atuou como não-artista.

Converse com seus alunos sobre o que é ser artista e o que pode significar para uma pessoa com larga e reconhecida trajetória artística passar a se anunciar como "não-artista".

Favoreça uma discussão sobre quais seriam as propostas de Lygia Clark com essa mudança de referencial.

Instigue seus alunos a refletir sobre os motivos que fazem com que a obra reproduzida no pôster seja representativa da fase em que Lygia Clark se considerava 'artista'.

Selecione partes do vídeo *Arte e Matemática*, produzido pela TV Cultura, e assista com seus alunos, dando continuidade às reflexões sobre a artista e sua obra.

Dê seqüência ao estudo sobre Clark e possibilite aos alunos conhecerem a importância internacional dessa artista brasileira.

Para melhor compreensão do texto sobre a artista e sua obra, pesquise os seguintes termos: Grupo Frente, Neoconcretismo e Concretismo.

¹ Lygia Clark. In *Lygia Clark*, 1997, p. 84.

² Paulo Herkenhoff. In *Lygia Clark*, 1997, p. 38.

³ *Ibidem*, p. 39.

Professor/a, **Acervo: Roteiros de Visita** disponibiliza outras 49 fichas como esta com as quais você terá subsídios para tecer relações entre as obras. As imagens reproduzidas neste material podem ser organizadas em torno de uma idéia construindo um roteiro, ou seja, um caminho através do qual se conta uma história, um elo entre as obras que se intensifica por meio de uma intenção.

Pesquise, dentre as obras disponíveis, quais conexões podem ser estabelecidas, considerando o seu planejamento pedagógico e a realidade do seu grupo de alunos.

A equipe de educadores do MAC USP sugere alguns indicativos de roteiros. Observe que há diversas maneiras de conduzi-los e você pode explorar as obras desta coleção agrupando-as segundo vários critérios:

- aspectos formais;
- propostas conceituais;
- períodos históricos (Ditadura Militar, a década de 1980, século XXI etc);
- movimentos artísticos (Cubismo, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo etc);
- linguagens plásticas (pintura, grafite, assemblage, escultura, objeto, instalação etc);
- gêneros artísticos (retrato, auto-retrato, figura humana, paisagem, natureza-morta);
- temática (arte e política, masculino e feminino, abstração e figuração, moderno e contemporâneo, mestres e alunos, arte e meio ambiente, arte e tecnologia, objetos do cotidiano, artistas mulheres, relações entre as artes visuais e outras linguagens artísticas etc);
- interesses dos alunos;
- temas transversais.

Essas são algumas possibilidades, você pode descobrir muitas outras!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Aracy A. (cord.). *Arte Construtiva no Brasil. Coleção Adolfo Leirner*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1998.
- AMARAL, Aracy A. (org.). *Projeto Construtivo na Arte: 1950-1962*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo: Pinacoteca do Estado, 1977.
- BASBAUM, Ricardo (org.) *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- Bienal Brasil Século XX*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.
- BOTERO, Regina (org.). *Skultura*. Edição Especial MAC. São Paulo: Ed. Arte Tridimensional., 1989.
- BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.
- CHIARELLI, Tadeu. *Arte Internacional Brasileira*. São Paulo: Lemos, 1999.
- Coleção MAC Collection*. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. São Paulo: Comuniquê, 2003.
- FABBRINI, Ricardo N. *Espaço de Lygia Clark*. São Paulo: Atlas, 1994.
- HERKENHOFF, Paulo. *Lygia Clark*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1999.
- Lygia Clark*. Barcelona: Fundació Antoni Tàpies, 1997.
- MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark: obra-trajeto*. São Paulo: Edusp, 1992.
- MORAIS, Frederico. *A Crise da Hora Atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Panorama das Artes Plásticas Séculos XIX e XX*. Projeto Instituto Itaú Cultural. São Paulo: Ed. Bandeirante S.A, 1989.
- O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1990.
- PEDROSA, Mário. *Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- _____. *Mundo, Homem, Arte em Crise*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- PONTUAL, Roberto. *Entre Dois Séculos: a arte brasileira do século XX na coleção Gilberto Chateaubriand*. Rio de Janeiro: JB, 1987.
- Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX*. 2ª ed. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 1999.
- ZANINI, Walter (org.) *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor • Adolpho José Melfi
 Vice-Reitor • Hélio Nogueira da Cruz
 Pró-Reitora de Graduação • Sônia Teresinha de Sousa Penin
 Pró-Reitora de Pós-Graduação • Suely Vilela
 Pró-Reitor de Pesquisa • Luiz Nunes de Oliveira
 Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária • Adilson Avansi de Abreu
 Secretária Geral • Nina Beatriz Stocco Ranieri

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Diretora • Elza Ajzenberg
 Vice-Diretor • Kabengele Munanga
 Divisão Técnico-Científica de Acervo • Ariane Soeli Lavezzo
 Divisão Administrativa • Paulo Roberto Amaral Barbosa
 Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio (suplente)
 Divisão de Pesquisa em Arte - Teoria e Crítica • Helouise Costa
 Biblioteca Lourival Gomes Machado • Lauci Bortoluci

Acervo • Roteiros de Visita
 Apoio • Fundação Vitae
 Concepção e Realização • Divisão Técnico-Científica de Educação e Arte
 Educadores MAC USP • Christiana Moraes; Evandro Carlos Nicolau; Maria Angela Serri Francoio; Renata Sant'Anna de Godoy Pereira; Sylvio da Cunha Coutinho.
 Coordenação Geral • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio
 Consultora em Educação • Heloisa Margarido Sales
 Textos de Contextualização e Leitura de Obras • Inform art Arte & design Ltda Vinício Frezza (coord.); Marco Antonio de Andrade; Silvana Brunelli e Sérgio Moraes Bonilha (assistente de pesquisa).
 Pesquisa Adicional, Adequação e Revisão dos Textos • Christiana Moraes e Maria Angela Serri Francoio.
 Projeto Inicial • Maria Helena Pires Martins e Sylvio da Cunha Coutinho
 Secretária • Glória Araújo Antunes
 Colaboradores • Anderson Cavalcante Rei (estagiário-monitor); Claudinei Roberto da Silva (estagiário-monitor); Eveline Maria P. da Silva (bolsista COSEAS); Flora Tosca A. A. Pescarini; Julio César de S. Reis (bolsista Cnpq Pibic); Karin Priscilla de Lima (estagiária-monitora); Leonardo Aparecido Mendonça T. Severiano (bolsista COSEAS); Marcela Vieira (bolsista COSEAS); Renê Miguel da Trindade (bolsista COSEAS); Sérgio Hannemann (bolsista COSEAS); Soraya Valto Braz (bolsista COSEAS);
 Agradecimentos Especiais • Heloisa Margarido Sales; Claudinei Roberto da Silva; Marcela Vieira; Soraya Valto Brás e Christiane Suplicy T. Curioni.
 Projeto Gráfico • Elaine Maziero
 Arte Final • Carla C. do Carmo
 Impressão • Augusto Associados

2004 • MAC USP • Rua da Reitoria, 160
 05508-900 • Cidade Universitária • São Paulo • SP
 Email: educativo-roteiros@usp.br

APOIO:

